

Grupo de Foco sobre a Telenovela
Realizado para *Telenovela, Indústria & Cultura, Lda.*

O grupo de foco reúne um grupo de pessoas escolhidas para conversarem e responderem a questões sobre um tema de interesse para uma investigação na área das ciências sociais, marketing, publicidade ou política. Este método qualitativo foi usado neste caso para aprofundar o conhecimento, a opinião e a vivência dos espectadores portugueses com a telenovela, em especial com *Mar Salgado*, a qual serviu de base à investigação do livro *Telenovela, Indústria & Cultura, Lda.*, de Eduardo Cintra Torres, publicado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos na colecção Retratos da Fundação.

O grupo de foco foi contratado à empresa Markttest, tendo sido realizado nas instalações da sua Direcção de Estudos Sectoriais, em Lisboa, ao final da tarde de 23 de Julho de 2015. Por proposta do autor do livro, a Fundação Francisco Manuel dos Santos disponibiliza aqui a transcrição do texto da reunião para que possa enriquecer a leitura da obra e o conhecimento da recepção da telenovela em Portugal. A Fundação e o autor autorizam os investigadores a utilizar este texto nos seus trabalhos, mencionando a fonte nos seguintes termos: “Eduardo Cintra Torres e FFMS (2016), Grupo de Foco sobre a Telenovela” e com a indicação deste link.

A transcrição respeita a oralidade dos intervenientes no Grupo de Foco. No caso em que não foi possível identificar quem falava, a intervenção é assinalada por “?”. O texto mantém o anonimato dos participantes, que foram os seguintes:

E: Entrevistadora

A: educadora social, 43 anos

P: advogada, 37 anos

M: administrativa, 27 anos

C: gestora de direitos, 35 anos

R: bibliotecário, 45 anos

P2: homem, comercial, 35 anos

S: médica, reformada, 65 anos

J: homem, jurista, 32 anos

L: secretária, 38 anos

C2: administrativa, 54 anos

F: homem, militar, 45 anos

E - O tema de hoje é novelas. Agrada-vos ou não?

S - Eu peço desculpa, tem de me explicar, não percebi.

E - Telenovelas. É um tema interessante ou não é?

S - OK.

(Vários ao mesmo tempo) - É. Sim.

E - Eu disse que eu gostava. (Risos). Portanto, não é futebol, lamento, mas novela também não é mau, pois não? Portanto, OK. E então vocês costumam ver muitas novelas, não vêem? Digam-me lá...

Vários - Algumas.

E - Então, vá, queria ver assim o panorama geral...

E - (Referindo-se a R.) - Só vê uma. Então, queria ver, assim o panorama geral, que novelas é que normalmente vêm... Aqui a A, que novelas é que costuma ver?

A - Normalmente vejo o *Mar Salgado* e o *Império*.

E - O *Mar Salgado* e o *Império*. Por que é que prefere ver essas duas? O que é que essas duas novelas têm de especial que a prendam à televisão?

A - Normalmente o que me prende é... vem na sequência de outras que já andei a ver. Normalmente esse é um dos incentivos.

E - Ou seja, está a ver a telenovela da SIC, acaba aquela... a outra que vem a seguir...

A - Pronto, aquelas que vêm ali no meio... isso é um factor influenciador para mim muito importante.

E - Ah! O facto de eles começarem a pôr os episódios da nova novela ali no meio.

A - Exactamente. Aquilo ali pelo meio. Aquilo, entretanto, só depois de me terem perguntado se eu via novelas é que me apercebi como é que se chamava a outra que anda lá há não sei quanto tempo... Até que me apercebi... Espera aí...

E - Que é uma nova que vai começar?

A - Não, eu acho que ela já começou.

M - É as *Poderosas*. Ela já começou.

A - É as *Poderosas*. Exactamente. Já começou.

E - Portanto, é o *Mar Salgado* e *Império*. Portanto, mas é porque é realmente o horário em que normalmente está ali...

A - E é por ser a SIC também. Portanto, não mudo de canal para ver novelas. Portanto, vou consumindo aquilo.

E - Muito bem. P?

P - Eu vejo o *Mar Salgado* e a *Única Mulher*. Comecei a ver o *Mar Salgado* exactamente porque já via as novelas da SIC e, portanto, vinham umas atrás das outras há já uns anos. Entretanto, o *Mar Salgado* está naquela fase em que as novelas entram sempre em que começa li a estabilizar o enredo...

E - Não ata nem desata.

P - E não desenvolve. Não ata nem desata, exacto. E também já não via, porque acho que já não via as da TVI há algum tempo, até por motivos de décor e isso... Achava um bocadinho mais fracas...

E - Mais fracas em quê?

P - No décor, na luz, os cenários parecem não tão apelativos, mais antiquados, as roupas, etc. Etc.

E - As da TVI?

P - Sim, sim. E entretanto *A Única Mulher* chamou-me a atenção nos teasers, não é? E comecei a ver e, então, agora tenho um esquema muito giro em casa. O meu marido vê o *Mar Salgado* dia sim dia não e eu vejo a *Única Mulher* dia sim dia não.

(Risos)

E - Isso é uma boa estratégia. Então, e depois? Comunicam entre vocês os dois?

P - Não. Nós vemos um com o outro também. Pronto, eu estou a ver o *Mar Salgado* na mesma, porque está no dia de ele estar à minha frente, não é? E ele vê a *Única Mulher*, porque eu vejo as minhas...

E - Boa.

P - Acabamos por os dois seguir as duas alternadamente.

E - Seguem as duas novelas. (...) Ok. Muito bem. Então, vamos lá, a seguir a....

M - M...

E - A M. Então, M...

M - Vejo o *Mar Salgado*. Comecei a ver... Agora está naquela fase em que não anda nem desata. Vi também já a *Única Mulher*. Vou vendo às vezes. Vejo às vezes um bocado das *Poderosas* e um bocado do *Império*. Vou fazendo zapping... e vou vendo.

E - Consegue ver isso tudo? Como é que faz?

(Risos)

M - Só um bocadinho de cada, quando me apetece. Pronto, outras vezes não vejo o *Mar Salgado*, porque aquilo também não anda nem desanda e vou ver um filme, não tem interesse nenhum e não vejo novela nenhuma.

E - Não vê novela nenhuma.

M - Exactamente. Pronto, mas faço o zapping. Está a dar as *Poderosas* e vejo um bocado e depois vou mudando de canal. E depois vejo...

E - Mas na mesma novela vai mudando para ver o que está a dar numa e o que está a dar noutra, quando elas estão no mesmo horário?

M - Não. Não, não. Está a dar o *Mar Salgado* e eu vejo. Mas depois aquilo não me interessa, porque está a dizer a mesma coisa e eu mudo para outro. Já acabou o *Mar Salgado* e vejo outra ou vejo um filme.

E - Vai alternando.

M - Vou alternando. Vou vendo um bocadinho de cada. Mas especificamente aquela que vejo mais é o *Mar Salgado*.

E - Ok. A C?

M - As outras vejo aos bocados.

E - As outras vê mais aos bocados.

M - Exactamente.

C - A novela que vejo assiduamente é o *Império*. Por vezes vejo o *Mar Salgado* e as *Poderosas*. Por causa dos horários. O *Império* normalmente é quando já estou relaxada e já está tudo em casa. E então até, por vezes, ligo a televisão quando me vou deitar e então acompanho. Depois lá em casa, como o meu marido, o meu companheiro, entusiasmou-se com essa novela... Acompanhamos os dois.

E - A *Império*?

M - A *Império*.

E - Então o *Mar Salgado* e a outra como é que é?

M - Vejo esporadicamente. Normalmente vou acompanhando conforme vou fazendo as outras coisas em casa. Ou seja, não é daquelas novelas em que me sento à frente da televisão... Concretamente: vejo todos os dias? Não... Mas, sim, acabo por não perder o fio à meada, mesmo que esteja dois ou três dias sem ver.

(Risos)

E - Acaba por se perceber.

M - É verdade. É. Exactamente.

? Depois dão os episódios anteriores, depois no final dão os que vêm a seguir. Se não virmos um dia não é grave, porque no dia seguinte conseguimos apanhar a estória.

E - Já apanhamos...

M - E hoje em dia acontece muito que vão dando logo cenas dos próximos episódios e acabamos por...

E - Apanhar tudo o que está a acontecer...

C - Exacto. Pelo menos metade da novela ou dois terços da novela é exactamente aquilo que deu na noite anterior.

M - É. Exacto. O *Mar Salgado*. É verdade.

E - Mas repetem?

P - Aqueles teasers... Acaba por ser um resumo muito fiel do que vai começar a...

C - Isso hoje em dia está a acontecer em todas as novelas.

E - Está a acontecer em todas as novelas ou especificamente com o *Mar Salgado*?

C - Acontece com todas as outras novelas. O *Império* é exactamente a mesma coisa.

E - Portanto, se a pessoa vê as cenas dos próximos episódios quase que já não precisa de ver o episódio seguinte. É o resumo fidedigno.

M - Já nem é preciso ver o resto.

C - Exactamente.

P - Eu acho que também é porque o *Mar Salgado* está um bocado nessa fase. O enredo não desenvolve. E, portanto, se de facto virmos aquelas cenas, elas são a selecção do que de melhor vai acontecer no episódio.

C - Exactamente.

P - Enquanto que na *Única Mulher* o que eu sinto pelo menos nesta fase... Está uma fase em que ainda acontece tudo, não é? Está no início e se virmos essas cenas ainda ficamos com mais curiosidade porque realmente não percebemos o encadeamento entre elas. E, então, vamos ver o episódio para perceber como é que se encadeiam. Portanto, acho que funcionam... Apesar de ser exactamente a mesma técnica, neste momento está a funcionar de formas diferentes porque as novelas estão em fases diferentes e, portanto, despertam interesses diferentes também.

E - Claro. Ok. O R?

R - Eu não sou propriamente um espectador tipo telenovelas. Eu comecei... Recomecei a ver telenovelas com a reposição de uma telenovela brasileira que a SIC deu, aqui há uns tempos, que é a *Gabriela*. A partir daí comecei por ver o *Mar Salgado* e a telenovela depois da *Gabriela*, digamos, que me prendeu ao ecrã.

E - E porque é que a prendeu, o *Mar Salgado*?

R - Não sei. Talvez, porque se passa numa zona piscatória. Aquilo é engraçado. Tem sempre um bocadinho de mar e tal, de que eu gosto particularmente, e aquela ligação ao peixe, às indústrias do mar, ao turismo e essa coisa toda. E depois é o próprio enredo, quer dizer, o enredo da telenovela, de todas as telenovelas não são muito diferentes.

Há sempre um pobre que quer subir na vida...

(Risos)

R - Um tipo que é um malvado. Um pobre que é malvado também, porque... É assim... E depois há bonzinhos de um lado e de outro. Depois é uma questão de pares românticos e da prestação dos actores.

E - Então, mas é sempre tudo o mesmo?

(Risos)

R - É. Basicamente. Retrata, acho eu... As telenovelas retratam um bocadinho ou partes de vidas, não é? E sendo assim eles têm que cair nalguns chavões, nalgumas coisas, enfim, o bom contra o mau, o mau contra o bom...

E - O bom e o mau. O pobre...

R - A gira e a mais gira ainda.

(Risos)

R- Portanto, o malvado.... Pronto, e isso...

E - Mas eles retratam bem essas...

R - Retratam e depois acho que têm bons actores. Eu vi a *Gabriela* por ser um revivalismo, digamos assim, por ter excelentes actores. Os brasileiros têm uma indústria quase de cinco décadas ou coisa assim do género e nós aperfeiçoámos muito isto, não é, desde as primeiras telenovelas. E acho que as da SIC são particularmente boas, acho eu. Por isso sigo também um bocadinho dessa nova da SIC com mais atenção, as *Poderosas*...

M - As *Poderosas*.

R - E menos a brasileira que dá no final da noite. É basicamente isso.

M - Que é a *Império*.

E - Ok. Muito bem. P2?

P2 - Eu, comigo, também vejo o *Mar Salgado*. Um bocadinho por causa da minha mulher.

E - Grande desculpa.

(Risos)

P2 - E vejo também os *Jardins Proibidos*, mas é um bocadinho por já ter visto o primeiro quando estive em casa dos meus pais. E por curiosidade comecei a ver. Mas também concordo que as telenovelas da SIC têm mais qualidade. Têm mais cuidado com a imagem.

E - Quando dizem mais qualidade é em quê?

R - Bom, eu acho que eles têm uma parceria com a Globo.

? - Têm parceria com a Globo.

(Vários a abanar a cabeça e a concordar com o que o R disse)

E - Têm a parceria com a Globo é?

R - E eles devem ter feito alguma cooperação...

E - Eles melhoraram muito a partir daí?

L - Sim. Em termos de cenários e aprenderam muito... Fazem muito... Acho que trocam até de actores. Vão portugueses para lá. Vêm brasileiros para cá. E acabam por melhorar muito as técnicas, porque os brasileiros nisso...

E - Aprendemos muito com os brasileiros, então.

L - E os portugueses... Acho que os portugueses melhoraram também muito mais. Ficaram mais soltos a representar.

M - A representar. Isso é verdade.

R - Antigamente a coisa era muito teatral. Os actores eram bons ou não, não sei. Mas eram muito teatrais.

? - Era muito teatro.

R - Ficavam... E ainda há alguns actores que são assim. Talvez por defeito profissional deles.

L - E a iluminação também. Aprenderam muito em termos de iluminação com a Globo.

R - Já não há tanto aquelas coisas de se verem as sombras na parede. Uma coisa muito escura.

E - Mas isso é mais... é só nas da SIC ou nas da TVI também...

L Não. As da TVI estão um bocadinho aquém.

E - Quais as que estão um bocadinho aquém?

L - As da TVI.

P2 - Mais as da TVI. Eu também acho.

L - Talvez tenham melhorado agora um bocadinho com esta nova, com a *Única Mulher*. Tinham um bocadinho puxado, mas mesmo assim...

M - Eu prefiro as da SIC. Confesso.

L - Acho que esta parceria fez-lhes muito bem.

E - (...) S?

S - Eu, por acaso, antes desta do *Mar Salgado*, que é a que eu vejo só, agora, faço um esforço para só ver essa, porque senão prendem-me e não faço mais nada. Tenho que fazer assim uma certa...

(Risos)

E - Elas prendem, não é? Uma pessoa começa a ver aquilo...

S - Prendem. Prendem. Uma pessoa começa a ver e depois começa a prender-se. E eu então faço assim.

E - É só esta. É só esta.

S - Pronto, não sou sozinha em casa e depois os outros querem ver outra coisa. E então dividimos um bocadinho os gostos de todos. E eu confesso que em relação à TVI, eu antes desta via a TVI. Eu achava, nessa altura, que a TVI era melhor do que a SIC. Não sei porque é que mudei para a SIC. Eu acho que comecei a ver esta telenovela, porque gostei sobretudo da música que ela tem no início.

E - Tem música?

S - Tem. Não sei...

E - É giríssimo.

S - Tem uma música muito bonita que me atraiu um bocadinho e também como o... Agora não me lembro do seu nome... o R...

R - R.

S - E como o R também gosto do mar. Pronto, até gostava de viver ao pé do mar. Não vivo, mas gostava. Gosto do mar. Gosto. Gosto daquele som. Gosto. Gosto. Dos barcos. Da pesca. Gosto dessa vida. Portanto, isso se calhar prendeu-me. Não percebi porquê, mas, de facto, deixei a TVI para a SIC, porque dantes via a da TVI. Não percebo bem porquê. Eu gosto das cenas com mar... Não concordo muito que agora esteja no rame-rame. Eu acho que agora um episódio que me está a prender um bocadinho... Que eu até estou a gostar... Vamos lá ver como é que acaba... Que é aquele que... Claro que não me lembro do nome deles, porque a minha memória é má. Mas é aquele rapaz que em princípio se insinuou para aquela miúda, não é?

M - Ah! É o Gonçalo.

S - É a identidade daquela miúda.

M - Até se resolver...

S - Nós achámos sempre que o homem é que é o violador, é que é o mau e não sei quê e a menina como é mais pequenina possivelmente não seria ela... Ele é que será o mau. À partida é. Mas, na realidade, na telenovela não é. E eu quero ver como é que aquilo vai... Pronto, isso também me prende. Por isso não estou a concordar muito que esteja no rame-rame. De vez em quando eles têm novas coisas ...

E - Introduzem temas novos.

M - Têm temas novos.

S - Têm novas cenas que são cenas da vida, quer dizer, eu acho que as telenovelas... Pode-se dizer mal das telenovelas... As pessoas... Eu só vejo uma, porque faço um esforço para só ver uma.

(Risos)

E - Não vê mais. E se a deixassem em casa...

S - Acho que elas retratam cenas da nossa vida. À maneira delas...

E - Sim. As pessoas identificam-se.

S - E algumas são verdades. E nós gostamos muito das telenovelas e de algumas cenas do rico e do pobre e do não sei quê, mas nós na realidade depois não cumprimos aquilo que estamos a gostar na telenovela.

E - Não cumprimos aquilo que estamos a gostar como?

S - Ou seja, nós achamos bem. Eu acho muito bem. Pronto, aquele é pobre. Afinal a família aceitou o pobre. Mas se calhar nós na realidade, às vezes nas nossas realidades, com os nossos filhos, com as nossas famílias, não somos bem aquilo que nós gostamos de ver na telenovela.

P - Somos mais parecidos com os moralistas.

S - Estou a dizer aquilo que eu sinto.

E - Aquilo que sente. Claro.

S - Na realidade, eu gosto de ver aquilo, mas depois, se calhar, se fosse a minha realidade não gostava.

E - Pensa assim: Ah! Que giro! Pois realmente devia ser assim.

S - É uma fantasia, não é? Digamos eles põem na telenovela aquilo que nós gostaríamos se calhar que fosse ou gostaríamos, não é? Porque acaba bem. Nós gostamos, porque as coisas são más, mas depois acabam bem. Os maus são castigados e os bons... Mas não é assim. A nossa realidade não é assim.

E - Nas novelas é sempre assim? Os bons acabam bem e os maus acabam mal? É um final feliz?

S - Penso que sim.

C2 - Acho que cada vez mais tem vindo a mudar.

E - Tem vindo a mudar.

L - Nem todas. As telenovelas brasileiras têm vindo a mudar um bocadinho.

E - É bom? E é bom porquê?

L - Porque é diferente.

M - E porque a realidade não é essa. Exactamente.

E - A realidade não é essa. Portanto, é mais relástico se não for sempre um final feliz.

R - Não ter sempre um final feliz.

E - Então, mas depois não ficamos assim um bocadinho desiludidos? Ó pá, isto não devia ter acabado assim.

M - Por exemplo.

(C abana a cabeça concordando.)

F - Não é essa a expressão. É a vida.

E - É a vida.

F - A realidade... E as pessoas...

E - Mas vocês preferem assim uma coisa mais real... É a vida, não é? E por vezes os maus são os que acabam bem, não é? Ou vivendo a fantasia como a S dizia...

S - É melhor a fantasia, porque as telenovelas têm essa coisa boa. Relaxam. Eu acho que ver a telenovela dá para nós depois de trabalharmos... Eu agora estou reformada, mas quando estava a trabalhar aquilo relaxa um bocadinho. Vemos as estórias. São simples. Aquilo rola bem e tal. A mim faz-me bem. Relaxo um bocadinho...

E - E se o final não fosse feliz? Já não ficava tão descontraída?

S - Se calhar... Quando há coisas... Quando há cenas um bocadinho mais...

P2 - Que fazem mais confusão.

S - Por exemplo, esta cena agora com a miúda, está-me a fazer...

(Risos)

S - Faz-me uma certa impressão. Vejo que há ali uma pessoa que está a ser castigada injustamente. E não há dúvida nenhuma que isso mexe connosco. E se há um final feliz também mexe connosco...

A - Eu acho também tão bom.

E - E o que é que acham desta questão de fantasiarmos e de o final ser feliz ou ser uma coisa mais real e, eh pá, é assim.

P - Eu prefiro. Eu acho preferível um final ser feliz, porque para a realidade...

C - Já basta a nossa.

P - Acho que é exactamente como diz a... Como é que se chama? Desculpe.

E - É a S.

P - A S. Quando estamos a ver novela queremos exactamente viajar um bocadinho para um mundo mais descontraído e mais [?] realista. E aquela estória, essas cenas de “vamos lá ver se ele é castigado. Vamos lá ver se ele é castigado o mau”, aquilo dá-nos um certo prazer. “Ah! Bom! Resolveu-se.”

E - Alivia. Sonhamos, mas é um sonho bom. Vá lá, a realidade às vezes chata já se encaixa em nós.

P - Eu acho que é uma daquelas coisas, uma daquelas mais realistas...Lembro-me que há uns anos, por exemplo, acho que na TVI em que morreu o personagem principal, tinha medo. Portanto, aquilo era assim que se desenvolvia e no final morria. E uma pessoa fica um bocado... Ah! OK.

E - Não faz sentido.

P - Quase que se chora ali por uma personagem que é uma personagem. E já bem basta quem na nossa vida...

E - Mas eu andei tantos meses a ver a novela e agora... Concordam com isto ou não? Portanto, aqui a C2? É de opinião contrária. Acha que tem de se representar a realidade e a realidade não é assim cor-de-rosa.

C2 - Não... Sim, também. E para não ser também sempre igual, não é? Para ir variando um bocadinho.

E - Porque senão já sabemos... No primeiro dia já sabemos como é que aquilo vai acabar.

C2 - É. Sim.

F - Acho que dá essa intenção. Nos casais românticos, principalmente. Isso bate sempre certo. Iniciam bem. Separam-se. Brigam.

C2 - E depois no final ficam juntos.

F - É o típico.

E - Ficam sempre. É assim ou preferiam uma coisa mais realista? Mais... Olha! Separou. Separou. Ou...

F - Depende dos factos. Depende dos factos como correrem, porque poderá levar a situações em que realmente não tenham...

E - Claro. Depois há uma grande estória lá pelo meio.

F - Uma grande estória lá pelo meio. Mas tendencialmente se começa... aquele casal... aquele par, quase sempre... Não que concorde. Não que concorde.

E - Pois.

F - Mas que é uma realidade.

E - Mas preferem ver um final feliz? Aquela coisa de estarmos ali a sonhar a coisa cor-de-rosa? Ou a coisa mais dramática?

F - Mais dramática.

E - E por vezes acabar...

F - O drama.

E - O drama? Não tem de ser um final feliz? Espera lá. Esqueci-me de dizer. Um de cada vez que eu quero ouvir toda a gente.

F - Aquele filme, que não me recordo agora o nome, recente. A miúda que utiliza um aparelho. Um filme, não é novela. Não me recordo... *O Pedido das Estrelas*...

P2 - Ah! *The Fault Is In Our Stars. A Culpa é das Estrelas*.

E - Ah! Sim. Sim. Pois, não tem um final feliz.

F - *A Culpa é das Estrelas*. Não tem um final feliz, mas é uma realidade.

E - Claro. Claro.

P2 - Ah! Mas de certa forma se calhar o final até é feliz . Ela acaba por morrer, mas isso...

(Risos)

P2 - Mas até correu bem.

C2 - Podia ter sido pior.

F - Correu bem. Está bem. Pronto. OK.

E - E então, final feliz ou não?

Vários ao mesmo tempo - Final feliz.

R - Eu por mim prefiro o drama. Eu prefiro o drama.

C2 - Ir variando. Ir variando de vez em quando.

F - E mistério.

Vários ao mesmo tempo - E mistério.

R - Até porque no drama muitas vezes consegue arranjar ali um bocadinho de final feliz, mesmo...

E - Mesmo quando há o drama, há um bocadinho de final feliz...

R - Nestas aqui não, mas naquela coisa brasileira da... *Gabriela*, houve lá uma situação, em que uma mulher tornou-se amante dum fulano. Era casada com um coronel, digamos assim, um homem que usava pistolão, e ele, quando a apanha, mata-a. Apesar de todas as... e isso é um final feliz? Não. E no entanto, ele depois é penalizado também, pronto, pelo fim.

P - Lá está, mas isso é o final feliz na mesma, entre aspas, em que ele é penalizado. O que eu estou a dizer é que se vissemos essa cena e sentíssemos aquela solidariedade... Ele matou... E nós sentíamos... Ah! Então ele agora matou e se ele não fosse punido?

R - Pois.

P - No final nós ficávamos um bocado... “Eh pá, mas então agora ele fez aquilo e isso nunca mais se descobre.”

R - Exacto. Por isso é que eu digo...

P - Acho que ficava um bocado a sensação de insatisfação quando o juízo final entre aspas não chega.

E - Quando o fim não é aquele que nós sonhamos ou quando o fim não é aquele que idealizamos, sentimos um bocado...

P - Defraudados, talvez, sim...

E - Defraudados ou insatisfeitos.

P - Porque eu acho que é assim... Pode na mesma não ser sempre igual ou não estarmos sempre com aquela... desde o primeiro episódio que já sei o final. Pelos mil e um enredos que vão, por exemplo, a questão do irmão da Carlota... Por acaso já sei qual é, porque vi numa revista, mas o meu marido está lá e... “não digas, não posso com isso...”

Risos de vários ao mesmo tempo.

P - Se calhar é melhor não dizer. Mas, pronto, quer dizer, a coisa vai surpreender no final, certamente. E isso não tem a ver com o bom e o mau. Agora a questão de o bom ser recompensado e o mau punido, acho que toda a gente no fundo acha bem.

E - Eu gostei do tal mistério, do tal suspense...

F - Do suspense. De uma forma de não deixar em aberto, mas deixar uma pista...

E - Haver umas coisas lá no meio...

F - Haver uma pista qualquer de que algo poderia ter acontecido. Algo que possa aparecer quando julga que uma pessoa, por exemplo, possa estar morta, na verdade não está. Mas não ser esse facto, digamos, mais preponderante para a trama.

C2 - Os brasileiros nisso são espectaculares. Eu lembro-me de uma novela que era *A Próxima Vítima*, que só no último episódio é que soubemos quem é que andava a fazer aquilo tudo.

F - Claro. Exacto.

C2 - Nem nunca nos imaginávamos... Aquilo aconteceu tanta coisa... tanta coisa...

Vários ao mesmo tempo - Exactamente.

J - Não sei se foi o caso dessa, mas houve uma ou outra em que gravaram vários finais. Devia haver uma fuga de informação.

F - A TVI teve uma parecida.

E - J, e então, quais é que são as novelas que acompanha?

J - Neste momento vejo só o *Mar Salgado*. Por causa da minha mulher.

Risos de vários ao mesmo tempo.

E - Porque a mulher obriga.

J - Não obriga. A questão não é essa. Nós víamos... já não sei qual era... a brasileira que dava anteriormente...

E - Eu brinco com vocês, não é? Também sou brincalhona.

J - Já não sei qual era, mas nós víamos com algum interesse.

P - A *Avenida Brasil*.

J - Era. Era essa.

E - A que estava a dar antes. A que estava antes.

J - Era. E depois acontece uma coisa que a mim me irrita solenemente que é quando as novelas se estão a aproximar do fim e querem introduzir uma nova, mudam-nos o horário e às páginas tantas temos de ver três novelas seguidas.

? - É, é horrível.

J - ... Deitar à uma hora da manhã. Portanto, achamos que isto não era vida e decidimos que acabando esta não vemos mais nada. Mas a minha mulher cedeu...

Risos de vários ao mesmo tempo.

J - ... Começou a ver o *Mar Salgado* e, entretanto, neste momento, é a única que vemos. E nem sempre, pelo menos no meu caso.

E - OK. L?

L - *Império* e *Mar Salgado*. Mais *Império*. Mas também vou vendo o *Mar Salgado*. Às vezes não consigo acompanhar tanto o *Mar Salgado*, mas apanho sempre a estória toda. Por isso, não é preciso... Porque às vezes estou a dar o jantar ao meu filho e não estou a tomar tanta atenção. O *Império* já o deitei. Já está tudo sossegado. Já estou relaxada. Então, ali, já estou a tomar toda a atenção que posso dar à novela. E gosto bastante. Acho que, e lá está, o que estava a dizer anteriormente, acho que os portugueses a nível da SIC melhoraram muito com esta parceria com a Globo. E acho que estão muito melhores. Mesmo de representação. Espectacular.

E - Porquê essas duas novelas? Porque é que são assim aquelas duas que acompanha mais?

L - O *Império*... Portanto, eu gosto mais das brasileiras. Portanto, agora tenho acompanhado algumas portuguesas da SIC. Gosto das novelas também que passam na SIC. O horário da *Império* dá-me mais jeito, porque já estou relaxada, já estou a ver. O *Mar Salgado* comecei a ver, primeiro, ao início, mais intensamente, mas agora, como também já está numa fase um bocadinho mais estabilizada da novela e eu como estou a dar-lhe o jantar, acabo por ir vendo, ou estou a fazer alguma coisa e estou a ver. Mas já não estou com aquela atenção toda. Às vezes até ponho para trás,

porque tenho a possibilidade de pôr para trás. Porque, se há alguma coisa que realmente tenho interesse em ver, ponho para trás ou para a frente. Mas assim mais focada estou a ver o *Império*.

E - A L estava a dizer que prefere as brasileiras.

L - Sim.

E - Como é que é? Preferem as novelas brasileiras? As nacionais? Como é que é?

P - Eu acho que os brasileiros conseguem...

L - O *Império* tem lá um português. Tem um actor português.

P - É o Rocha.

L - É o Paulo Rocha.

P - Por acaso não vejo, mas como ouço falar, imagino... Acho que os brasileiros conseguem de algum modo... Eu já não via brasileiras há muitos anos e por acaso fui... retomei o ano passado e então na baixa de gravidez e depois na licença de maternidade consegui ver duas daquelas das seis da tarde, das seis/sete da SIC. Brasileiras. E realmente pensei: "Ah! Já não estava habituada. Isto é espectacular", de facto, porque eles têm uma capacidade de dar enredo e no fundo, no final do episódio, acontecer uma coisa como naqueles livros que nós lemos e lemos e queremos é ir ver a seguir... E acho que precipitam os acontecimentos sempre. Portanto, as novelas, a meu ver, acho que são mais curtas. São de seis meses, mais ou menos. E, portanto, aquilo está sempre a acontecer alguma coisa.

L - Acho que uma coisa boa que eles têm e que agora os portugueses estão a tentar fazer isso, é que eles tocam muito problemas que fazem... dão que pensar. Não só, lá está, tem o par romântico, tem tudo aquilo que devem ter, não é? Aquela aguazinha com açúcar que a gente gosta de ver, mas também vão focar problemas...

A - É a intervenção social, não é?

L - Sim. É a intervenção social.

E - Também fazem intervenção social?

L - Fazem muito e que eu acho que é bastante importante.

E - São temas mais...

P - Os portugueses tocam sempre assim ao de leve. De leve. De leve.

E - Nesse esquema; e porquê?

A - Eu acho que sim. Eu acho que tem a ver também com a mentalidade do povo. Portanto, e acho apenas indo um bocadinho atrás nos problemas sociais, ou seja, já toda a gente percebeu que aquilo existe, quando as nossas novelas focam. E depois estamos sempre com imenso cuidado em falar nas coisas, que é para se calhar não chocar tanto, para não perder audiências. Mas depois pegamos... Ela (L) há bocado estava a falar de uma coisa que eu me lembrei e é assim: está a dar audiência, vamos esticar. Esticamos. Esticamos. Parece uma pastilha, não é? Estamos ali sempre a ver a

mesma coisa e não conseguem fazer este corte nas estórias e meter coisas pelo meio para ver se pegamos noutras... noutros bocados...

R - Nesse sentido... Peço desculpa. Nesse sentido há uma telenovela portuguesa que demorou anos, que foram uma coisa... que foi os *Morangos com Açúcar* e isso eu, é como dizem agora, o paradigma daquelas coisas, dos aspectos sociais. Enfim, das famílias disfuncionais ou das famílias que não têm pai e mãe e aquilo basicamente os miúdos viviam sozinhos, não é? E depois havia uma mãe solteira, um pai não sei quê, a questão da homossexualidade também. Portanto, aquilo foi tudo ao longo daqueles anos...

E - Foram abordando esses temas.

R - Foram abordando esses temas todos, não é?

L - Mas nada disso é novo.

P - Mas era mais juventude.

E - Mas sentem que as novelas portuguesas retratam mais os temas, lá está, os mais convencionais?

L - Têm um bocadinho de receio de...

M - De mexer em temas complicados, sim. De focar temas complicados para eles, que vão perder audiência.

E - O que é que são temas complicados?

M - Sei lá. A homossexualidade. Adoptar crianças por casais gay. Sei lá. Gente que vive na pobreza extrema. Os problemas das pessoas.

L - Toxicodependência.

M - Toxicodependência. Exactamente. Pessoas que...

P - Por exemplo, a homossexualidade feminina raramente é abordada. Quando é, é assim mais ao de leve.

? - No Mar Salgado é.

? - Nas telenovelas brasileiras.

E - Acham que esses temas atrairiam a atenção e as audiências...

(Vários a acenar com a cabeça, concordando)

? - Eu acho que sim.

E - Ou acham que chocava...

F - Depende da forma como fosse apresentado. Depende da forma como fosse abordado.

M - Exacto. Sim.

L - Não. Tem de ser abordado de uma forma real.

F - O que é de uma forma real?

A - Aquele casal entre irmãos, entre homossexuais, tem umas figuras que não eram nada repelentes, não é? Assim ficava ali...

M - Exactamente. Sim.

L - A SIC tem agora uma novela à tarde, que eu agora vejo, raramente...

E - Brasileira?

L - Brasileira, que é a *Babilónia*, que tem um casal gay que são duas senhoras idosas. Isso é que é espectacular.

E - Mas as nossas novelas não abordam esses temas? As nossas novelas portuguesas não abordam esses temas?

L - Com senhoras idosas nunca vi.

R - Abordam. Abordam mas não de uma forma tão...

(Vários a rir ao mesmo tempo)

E - Estamos a falar de uma questão que não é bem pedofilia, mas...

L - E até dão beijinhos. Dão beijinhos mesmo.

S - Sim, mas... Pronto. Eu acho que até está bem. Até está bem metido. Eu, é assim. Além de fazer força para ver só uma telenovela, também faço força para ver as portuguesas, porque eu quero... eu gosto dos actores portugueses. Se calhar até me atrai mais ver uma portuguesa, porque conheço aqueles actores. Não sei. Isso parece que já é família. Já... dá-me algum prazer vê-los. E também faço esforço para gostar dos portugueses, porque acho que devemos gostar. Eu acho que nós devemos gostar. Os brasileiros, pronto, eu também gosto dos brasileiros. Também gosto, mas é a língua, até o sotaque, o português, que é português também o brasileiro. Gosto mais das telenovelas por ser o nosso português.

E - Português.

S - O nosso sotaque, não é?

P - O português de Portugal.

E - E, então, C?. A C estava a dizer que também preferia as brasileiras, não é?

C - Eu prefiro as brasileiras.

E - Porquê?

C - Normalmente há sempre um actor ou outro super-cómico.

F - E as portuguesas também.

C - Faz rir. A maneira como eles falam.

F - As portuguesas também.

C - A língua. Acho muito melódica. É por aí.

L - São muito naturais.

C - São muito naturais.

E - Eles são mais naturais, é?

C2 - Sim, sim. Completamente.

R - Eles têm uma escola enorme. Aquela escola que ela falou e eu também já tinha falado.

C2 - Sim, sim.

R - Quer dizer é como se fossemos comparar... Apesar dos avanços que as telenovelas portuguesas têm tido...

L - São cinquenta anos, não é?

R - ... É como se fossemos comparar um filme de acção português e um americano. Não tem nada a ver. Eles têm condições técnicas e têm equipas para produzir argumentos e tudo o mais, que é uma indústria muito maior do que a nossa. Embora a nível de, imagino eu, a nível de conteúdos, desde os *Morangos com Açúcar*... Portanto, devem ter tido uma equipa grande para escreverem aqueles anos todos de enredos e para misturar novas realidades, etc., e muitas delas fracturantes, aquilo continua a ser... Pronto, é uma coisa mais dedicada aos miúdos. As telenovelas de prime time portuguesas claro que têm lá o perigo do homossexual ou o rapaz ou o casal ou assim, por exemplo. Mas não é nada assim de... que seja muito fracturante. É sempre uma coisa ali com paninhos quentes.

E - Ali ao de leve.

R - Exactamente. É a minha opinião.

E - Mais opiniões. As portuguesas? As brasileiras?

F - As portuguesas.

P - Eu acho que há uma vantagem em ver as portuguesas. Apesar de achar as brasileiras mais profissionais, vá. Mas há uma vantagem que eu acho que eu passa um bocadinho por... Como aquilo é realmente um mundo pois de fantasia, pelo menos no final, aquilo é uma fantasia nos sítios por onde nós passamos e onde nós vivemos.

E - ... que nós conhecemos.

P - E de algum modo é como se nós tivéssemos uma vida mais glamorosa se víamos a nossa cidade ou a nossa costa de uma forma também glamorosa.

F - É aquilo que...

E - É ver aquilo que é nosso lá, não é?

F - É isso que eu queria pegar. As novelas da TVI acho que, ao contrário de toda a gente que gosta mais das da SIC...

E - É a nossa paisagem.

F - Mas as da TVI, segundo me recordo, têm mudado de cenários, época...

M - Têm. Muito. Têm.

F - Eles estiveram no Norte. Foram para os Açores. Foram para o Alentejo.

M - Estiveram no Espírito Santo. Sim.

F - Agora começaram... Começaram a novela da TVI em Angola.

M - Em Angola.

P - Sim.

F - Houve... Eu não vi as imagens, mas acho que havia imagens deslumbrantes, magníficas.

M - Eu vi. Sim. Espectaculares.

L - O *Mar Salgado* também tem imagens espectaculares.

F - Eu acho que a TVI é muito mais valorizada por isso. Ir fazer... Ia agora no... Setúbal. Setúbal está aqui tão perto de Lisboa e muita gente não faz ideia do que é aquela zona.

M - Setúbal. Tróia. Exacto.

F - Aquele complexo, quem conheceu Tróia há muitos anos atrás e quem conhece agora não tem nada a ver. Não tem nada a ver. E isso é um motivo, acho que vai dando a conhecer. Já não me recordo qual foi uma novela que deu, aqui há um tempo atrás, que mostrou... Era lá da TVI também, que era numa zona... numa cidade...

M - Era no Douro, não era?

F - No Douro. Não me recordo do nome da novela. Tinha uma trama também muito gira. E aquilo era... Tinha um pastor e ia lá pelo mato. Eu acho... Isso eu valorizo e gosto mais das novelas da TVI por isso. Agora, o caso da SIC. A SIC agora pegou nesta situação e fez uma novela em Tróia. Ótimo. Lindo. Espectacular.

E - Carla, estava a concordar.

C2 - Eu acho que até é bom, porque algumas novelas nossas têm sido escolhidas para serem exibidas no estrangeiro e isso é bom, porque leva o nosso nome, não é? Lá para fora e passa essas imagens do nosso país.

E - O facto de mostrar as nossas imagens, o nosso país, transmitir lá para fora, é bom.

C2 - Sim. Também é um cartão de visita, não é?

E - Claro.

C2 - Funciona aí como...

F - E também pegando no... E quando aqui há uns anos atrás uma novela recebeu um prémio, é Portugal que estava ali a ser referenciado.

C2 - Sim.

E - Claro. Claro.

F - Era as imagens. Era Portugal que estava a ser referenciado. Se nós virmos mais novelas da TVI eu acho, enfim, passo a publicidade, mais novelas portuguesas, acho que reforçamos mais a que eles invistam mais na qualidade e tudo isso.

E - Claro. Claro.

F - Agora as novelas brasileiras, eles já sabem fazer aquilo de trás para a frente, para eles é banal.

M - Enfim, já são muitos anos.

F - Agora se os portugueses tiverem incentivos...

E - São muitos anos a virar frangos.

F - São muitos anos a virar frangos, como se costuma dizer. Agora se tiverem incentivos eles conseguem fazer mais e melhor.

M - Eu gosto.

F - Porque quem se recorda da *Vila Faia* até onde chegámos...

E - Alguém disse que chegou a ver uma novela qualquer por causa das paisagens do Douro.

C - Eu não disse, mas sim. Mas não foi o caso duma novela portuguesa. Foi, por exemplo, eu comecei a acompanhar a *Império*, porque antes dava uma novela que se passava na Turquia. Eu tinha imensa curiosidade. Não tinha ido à Turquia e estava a pensar ir à Turquia e tinha imensa curiosidade. Foi por aí que essa telenovela me prendeu e depois o seguimento da *Império*, foi porque entretanto começou, lá está, uma novela ainda não acabou e portanto já...

E - OK. Muito bem. O J já disse. A L também. C2. C2.

C2 - Eu pessoalmente também gosto mais das novelas brasileiras. Porque também nasci e tenho crescido sempre...

E - Com as novelas brasileiras. Eu acho que todos nós, não é?

C2 - Com as novelas brasileiras. E ainda não consigo achar tanta piada às novelas portuguesas.

E - Mas o que é que lhes falta?

C2 - Eu não sei. Eu acho que também tem muito a ver com o povo. Nós somos mais fechados. Eu acho que sim. Acho que tem a ver com isso. Não somos tão naturais como eles.

E - Não somos tão naturais. Os actores não são tão naturais como os actores brasileiros.

C2 - Tão naturais. Não. Muito estáticos. Eu acho-os muito estáticos e não transmitem tão bem as emoções.

M - Somos diferentes dos brasileiros.

C2 - Sim. É isso.

P - Nós também somos mais estáticos. Eu acho que é mais fácil uma pessoa...

E - Mas sente mais as emoções, sente mais as emoções, aquilo que é transmitido, com os actores brasileiros do que com os nossos.

C2 - Sim. Sim.

E - Sente que os nossos estão mais ali a representar.

C2 - É. Estão muito retraídos. Sim.

A - Lêem mais.

E - Também sente isso, A? Eles estão ali mais para encher. Estão a representar enquanto os brasileiros...

A - É. É.

C2 - E as novelas tornam-se mais paradas. Não sei. Acho que há pouca acção. Há pouco movimento. As pessoas...

S - Por isso é que nós somos portugueses.

P - Isso também tem a ver com...

F - O nosso povo é assim.

E - Eh! Lá! A. A.

A - É, por exemplo, aquela, aquela... portanto, esta cena da mãe e da miúda, que tanto gosta, eu odeio aquela cena. Porque aquela mãe irrita-me imenso.

M - É uma mole. Faz impressão.

A - Não tem iniciativa e fica ali “Ah! E tal... Ah! Ele abusou”. Ah! quer dizer, mãe é mãe. Que mãe é que faz isto?

F - Isso é você que sabe a estória. Você sabe o que está por trás. Se calhar se não soubesse que violasse a filha...

A - Se eu acreditasse que aquele fulano tinha feito isto à minha filha não estava ali...

P - Mas é isso que ela está a dizer.

A - Aí com certeza que isto não ficava assim. Só mesmo...

M - É óbvio. É óbvio.

E - ... Não estava ali tão paradinha e tão mole.

S - Mas ela não está parada. Desculpe lá. Ela não parou. Ela fez queixa à polícia.

M - Mas os exames médicos dela... Tem alguma lógica?

S - A telenovela é assim. A realidade pode ser...

E - Na realidade a reacção da mãe não seria tão pacífica? É isso?

A - Exactamente.

E - Seria mais...

S - Eu sou daquelas... Eu

? - Ia bater?

S - Eu sei lá. Se calhar...

A - Agora, ficar ali...Ah!, e tal, tu não falas com a minha filha, porque tu... Este tipo de diálogo não.

E - Então, mas olhem lá... Esse tipo de diálogo não. Devia ser um diálogo mais...

F - Agressivo.

E - Agressivo?

M - Mais específico.

A - Mais real.

E - Mais real?

A - Ou pelo menos não diálogo, não é? Queixa. Não diálogo.

E - Deste tipo... De palavrões ou...

M - De puxar os cabelos ou de tirar o boné. Etc. Isso é normal.

E - Espera! Ai nós vemos que os shows portugueses já têm palavrões.

A - Ah! Pois. Mas é todos os dias também. Tatatatata... Eu já disse uma palavra ao meu pai... Isto fica horrível.

S - Palavrões? Não.

R - Aquilo é um formato lícito que não se compadece. É diferente de um filme ou de uma série mais hardcore.

F - Fica mais diluída no tempo.

E - Mas isto das brasileiras... Aquilo é... Elas chamam nomes uns aos outros.

R - É a solução mais favorável.

A - É o calão.

E - É o calão. OK.

R - É a solução mais favorável. E tem a magia. E como ela disse também tem uma linguagem mais melódica.

L - Mais musical.

R - Mais musical. E a língua flui mais.

L - Eles não carregam tanto.

R - E eles utilizam aquelas expressões absolutamente engraçadas...

E - Isso é um elogio...

R - Concordo. É um bocado.

L - E nós não.

R - Para nós é estrangeiro entre aspas. É português na mesma.

E - Para nós é estrangeiro.

R - Para nós é estrangeiro. E é engraçado. Mesmo sendo um palavrão. Se fossemos nós a dizer... Nós, telenovelas, a escrever lá...

P - Um palavrão.

E - Nem que seja calão.

R - Exactamente. O calão naquela telenovela que demorou tantos anos, lá dos miúdos, dos *Morangos*. Eles utilizavam o calão, a gíria, etc. Toda a gente sabe que os miúdos utilizam asneiras, e não houve uma asneira, não é?

S - Isso é que é importante, porque eu acho...

R - Aquilo é em prime time e não podem usar. E não podem usar.

E - C. Então, que novelas é que acompanha?

C2 - Desde que esteja em casa acabo por acompanhar um bocadinho de todas.

E - Todas?

C2 - Porque a minha mãe é uma papa-novelas. Tudo o que é novelas, quando uma está nos intervalos vai mudar para outro canal... E eu acabo por também ir deitando o olho às coisas... E, então, mas principalmente, lá em casa damos primazia à SIC.

E - OK. E o F? Quais é que costuma acompanhar?

F - Bem. É assim. Já sei que me vão bater por causa da mulher.

(Risos)

E - Grande desculpa. Faça o que quiser.

F - O que eu fui buscar para arranjar uma desculpa, não é? Eu comecei aqui há cerca de três anos atrás... Eu via novelas com frequência devido ao meu serviço e da minha solidão, digamos assim, eu via novelas com frequência. Entretanto a situação alterou e eu perdi um pouco o interesse e disponibilidade para ver novelas. Com isto do *Mar Salgado* despertou-me curiosidade pelo facto do local onde era, pelo mar. Sou militar da Marinha. Pelos elementos que lá estavam. Os conhecimentos. Pessoas com quem eu honestamente me identifico, não só pelo conhecimento, mas tinham algumas características a que eu achava piada. Estavam mesmo... Tinham o mesmo rigor, o mesmo procedimento, de atitude e outras coisas que a gente não se apercebe, ou não se apercebem que eu diga, mas que na verdade... E então eu comecei a ver por tabela, e eu achava piada a essas situações. Entretanto, o enredo... Eu comecei a achar piada. A estória da filha desaparecida. Comecei a achar piada. Entretanto, surgiu esta situação agora lá da suposta violação. Comecei a ver e a perceber o quanto aquilo poderia ter outro contorno. Mas está a ser já massacrante o tempo para desenvolver, para desenrolar...

C2 - É isso. Está um bocado massacrante.

F - E há mais uma questão. Eu via as novelas da TVI. Eu nunca via novelas da SIC. Portuguesas sempre, de preferência. Eu vi nos tempos da RTP1 e da RTP2 eu vi a *Vila Faia* e acho que se aprendeu muito. Acho que se evoluiu bastante com as novelas. Os brasileiros são uns senhores a fazer novelas, é óbvio que sim, porque o são há muito tempo. E desculpem-me lá, quem gosta mais das brasileiras é porque vê muito mais brasileiras. E sempre acompanhou muito mais as brasileiras. Crescemos a ver novelas brasileiras. A *Escrava Isaura*.

E - Tantas.

F - *Rei do Gado*... Estou certo ou estou errado.

E - O *Roque Santeiro*.

F - *Roque Santeiro*. Toda a gente tem na memória essas novelas e esses ícones que foram tirados das novelas. É assim, eu prefiro... E depois acontece-me o seguinte... Nós cruzamo-nos aqui na rua com um actor e pode ser mau para ele ou para nós.

E - Pois. “Olha, o da novela, olha o não sei quê?”

F - Sim. É isso. É mau. Se ele for um indivíduo bom... Olha, ele fica contente, porque é um bom elemento. Se for o mau da fita é mau. Eu tive a sorte de cruzar-me com o Pedro Lima quando ele fez uma novela em que falava assim de uma maneira muito engraçada. Eu achei imensa piada e falei-lhe da mesma maneira. Foi muito engraçado mesmo. E só um artista, só um actor português me poderia dar essa sorte.

E - Claro.

F - E ainda mais. Mesmo o que é nacional. Mesmo o que é nosso, como já há pouco disse. Acho que é magnífico. É magnífico. As imagens do Brasil não... É bom... É Copacabana...

E - É bonito.

F - É bonito, é óptimo, mas é sempre aquela... Se calhar aquele que nós gostaríamos de visitar, aquele que nós gostaríamos de ver ou que gostaríamos de alcançar, mas...

E - Aqui está ligado...

F - Aqui está ligado ao que é nosso. Agora, os temas podiam ser temas mais quentes. Podiam. Podiam ser sempre, mas poderiam também afastar as pessoas. O ser demasiado picantes, demasiado sensíveis; não serem ali tratados. Há gostos para tudo. Há tendências.

L - Não pode haver esse medo. A novela não pode agradar a toda a gente.

F - Mas eles tentam sempre é conquistar audiências. Qualquer televisão quer captar audiências.

L - Isso é captar a mais.

P - Mas se calhar tinha de ser noutra horário. Não no horário nobre.

L - Mas as brasileiras também é horário nobre.

E - Olhem. E quando vocês perdem um episódio, por exemplo, do *Mar Salgado*, que acho que é aquela que todos mais ou menos acompanham, já houve aqui quem dissesse que pode não ver dois ou três dias e continua e acompanha sempre. Não perde o fio à meada. Ou não viram o episódio de ontem, ou gravam e sabem que não vão ver o de hoje e gravam, ou as boxes às vezes também dá para ver o dia anterior. Como é que é? Vocês fazem isso?

? - Eu às vezes faço.

M - Eu gravo automaticamente. Se me apetece. Ah! Deixa cá ver, eu não vi o de ontem e o de anteontem. Exactamente. E vejo aquilo tudo. Exactamente. Ah! Aquele episódio que acho que não vi.

E - Também faz isso.

S - Só no início das novelas.

E - Só no início das novelas. No início das novelas, sim.

S - Agora já não é preciso. Já se apanha tudo.

E - Agora a coisa já está tão estável que não vale a pena estar a ver o episódio anterior.

F - Não se justifica. Como já todos o disseram, penso que no início, o que passou no episódio anterior, vê-se um pouco do episódio seguinte... Não vale a pena.

C2 - É isso.

S - Eu não concordo com isso. Vejo sempre. Dá-me sempre para ver mesmo que eu ache que se calhar é um bocado tarde. Mas vou sempre ver.

E - Portanto, se perdeu o anterior vai lá...

S - O fim-de-semana... Se vou passar o fim-de-semana fora... O fim-de-semana não, porque não dá, mas se estou no Algarve, se perco uns dias porque fui de férias ou não sei quê e não vou ver por qualquer motivo.

? - Também dá ao fim-de-semana. O *Mar Salgado* e a *Única Mulher* também.

S - Não sei. Não consigo pensar assim, não é? Se calhar não funciona... vamos ver para trás. Vamos para trás. Não funciona.

E - Como é que é aí com os senhores?

R - Antigamente, de facto, uma pessoa seguia aquilo quase religiosamente. Agora não.

? - Claro.

R - Uma pessoa vê e já não sabe se está a ver o episódio de hoje, se o de amanhã, se o de ontem.

E - Já não sabe muito bem qual é que é.

R - E às vezes, "isto já vi", mudo de canal e depois nem volto. E, portanto, já não há aquela fidelidade àquele horário.

E - P.

P2 - É um bocadinho assim, também. Se estiver com... Não vejo... Vejo o próximo e acompanho. Se houver alguma coisa que não tenha percebido, volto atrás.

S - Volta atrás.

E - E vai ver.

F - Eu ia dizer que as revistas também trazem os resumos do que se passa.

E - Pois. Também há as revistas. Vocês vêem as revistas? Já percebi que aqui a P vai lá ver.

P - Eu vou lá espreitar, mesmo quando não vejo.

F - Eu houve uma altura em que eu sabia as estórias das novelas. Não vendo as novelas. E discutia entre aspas com a minha esposa. “Olha, vai acontecer isto assim, assim”. “Como é que tu sabes?” “Tu não vês a novela? Vais ver.”

S - Não vejo.

E - Não vê porquê? S?

S - Aquilo que eu vou ver... É o seguinte: eu tenho prazer em ver.

E - Eu acho bem.

S - Se souber, já não me apetece ir ver. Não quero saber as estórias. Não quero saber a estória antes. Eu tenho que ver no momento. Dá-me muito mais prazer.

E - Mais. Mais opiniões, como é que é? Vêem, não vêem? Lêem, não lêem?

P - Eu gosto de facto... Ah! Mas agora és tu.

E - Não. Não. Se vão ver o que é que vai acontecer a seguir? Se lêem nas revistas?

(Vários a falar ao mesmo tempo)

? - Não.

? - Eu às vezes leio.

? - Tenho curiosidade. E então, depois...

A - Literalmente. Aquilo é tão igual ao que está entre eles. E depois começa a acontecer isto, não é? O que está lá escrito é exactamente o que se vai passar, ou seja, pronto.

E - Depois também perde aquele interesse, não é?

A - Pois.

E - Olhem! E como é que é? Falam com os amigos? É tema de conversa?

? - Às vezes.

E - Com os maridos? Com os maridos já se viu. Sim.

F - No local de trabalho, não.

E - No local de trabalho. Não. É só homens. Não se fala de novela. Só se fala de futebol.

F - Não há tempo para falar disso.

E - Não há tempo. OK. Mas depois, com a esposa? Em casa? Sim? Falam, ou não?

F - Sim. Sim. Falamos. Pela tal situação de Tróia. “Olhe, estivemos em Tróia.” Pronto, vimos aquilo naquele hotel, lá. Como é que se chama? Não me recordo do nome do hotel. Estivemos lá recentemente e acaba por ser tema de conversa.

E - Acaba por ser. Não? S. Não?

S - Não, porque não surge. Fala-se de outras coisas, não é?

E - Mais opiniões.

R - Eu discutir assim com um amigo ou assim? Não. Só se eventualmente alguma coisa, sei lá, uma notícia, se proibiram, ou proibir na próxima apanha de sardinhas diminuem. E se calhar a propósito disso falaram, olha, aquela novela é sobre o... Sei lá, a praça, o peixe e o *Mar Salgado*, ou a indústria conserveira, eh pá, mas isso tudo bem. Falar assim sobre o parzinho amoroso ou isso... Acho que se fica lá só por perto.

E - M?

M - Às vezes.

E - Às vezes, sim. Com as colegas, no trabalho? Às vezes, sim. Quais é que são os comentários? Normalmente que coisas é que vocês comentam? Que tipo de comentários é que fazem quando estão a falar sobre qualquer coisa que tenha a ver com a novela? Normalmente o que é que surge como tema de conversa com os colegas?

M - No meu caso, uma brincadeira. Normalmente alguém imita uma pessoa da novela, numa determinada situação. E, então, depois surge...

E - Isso acontece? Vocês, por exemplo, imitam os personagens ou utilizarem expressões? É?

F - Utilizar expressões.

E - Acontece? C?

C2 - Por vezes, sim.

A - Aquela Rute está verdadeiramente... (risos) está impossível. Aquela associação de palavras que ela faz. É muito bom. Para mim é do melhor da telenovela.

E - Mais situações em que surge como tema de conversa?

P - Eu é só em casa, mesmo.

E - É mesmo só em casa.

P - Fora de casa não falo. Mas com o meu marido é quase como se fossem assim personagens da vida real. Pronto, com quem estamos a falar como se fossem pessoas da família. “Ah! Mas achas que o irmão não sei quê...” Só que geralmente eu sei mais coisas, porque, de facto...

E - Mas quando estão a ver ou...

P - Não. Às vezes vamos no carro. Acontece, por exemplo, também por causa de termos os miúdos pequenos, às vezes um de nós tem mais sono, há um dia em que o outro está a ver e vai-se deitar, mas depois tem curiosidade na mesma e às vezes vamos para o trabalho no carro e eu pergunto: “Ah! E então, afinal o André estava a dormir com a Leonor?...” E ele vai comentar, quer dizer, não é comentar ao ponto de estar a ver o carácter das personagens, mas é mais contar, vá. Contar o que se passou.

E - Mais. Mais situações. Comentários?

L - Comentar algum desempenho de algum actor, mas assim falar das novelas em si, não.

E - Em si, não. Muito bem. Olhem. Mas as personagens, falando, por exemplo, do *Mar Salgado*, acham que são personagens que vocês trazem para a realidade? Que acham que representam o vosso quotidiano, a vossa realidade, ou não? O que é que vocês acham? Identificam-se com aquelas personagens?

Vários ao mesmo tempo - Não.

E - Porquê, M?

M - Não. É Setúbal. Enfim, é a realidade dos pescadores. A indústria da sardinha. A indústria. Não é uma realidade que seja a minha. Mas é bonita, pronto. A novela em si. A zona em si é bonita. Pronto, o mar, o hotel... Pronto, em termos turísticos é engraçado.

E - Mas às vezes há algum actor, personalidade, a maneira de ser, qualquer coisa que vá buscar, que se identifique com aquilo ou não?

R - Isso há sempre. Aquela rapariga do... Que é a peixeira que vende lá na praça.

M - É a Tina.

R - Tem... É uma figura gira, não é?

M - Que é assim muito... Que tem assim o cabelo mais ou menos como o dela?

(Risos)

M - Que é assim muito diferente, muito despachada, muito...

R - Eu acho que ela fez um bom boneco.

M - Sim. Está bem.

R - Acho que, por exemplo, sim, isso vale a pena. Fica ali uma personagem que não é muito importante, enfim, na telenovela, mas tem um boneco muito real. Acho eu.

E - Mas normalmente esta novela tem esses bonecos, fazem-se bonecos reais daquilo que esse boneco representa da realidade?

S - Portanto, há lá aquele que eu gosto muito e de que ninguém falou, que eu gosto imenso do personagem, do Messias. Ele é um bom actor também.

E - Ah! É?

S - Que é um tóto.

(Risos)

S - É uma personagem que eu acho que é muito real.

A - É. Isso é verdade.

E - Então porquê? S?

S - E também ele faz de tonto, mas faz um papel extraordinário. Desculpem lá. Há pessoas assim. Conheço. Quando uma pessoa está a gostar de alguém muito ou de alguma coisa, parece que não está a ver o que está à volta. E ele não está a ver o que está à volta, pronto.

E - Mas é que às vezes pode ser demasiado patético, principalmente em novela...

S - A personagem dele é muito gira. Eu acho que ele... Nem toda a gente é tal e qual aquele, mas há muita gente que é como ele. Ou por outra, se calhar todos nós já fomos um bocadinho como ele.

E - A? Estava a dizer... Estava a pensar qualquer coisa...

A - Estava a dizer, ele e a Rute. Ela também tem esta característica, não é?

M - A Rute é muito engraçada. Muito engraçada, é.

A - A questão da dislexia dela de misturar as palavras...

M - É. Exactamente. Exacto.

A - É maravilhoso. E depois aquilo de ela querer a ascensão, mas depois não tem...

M - Não consegue.

E - Eles representam, no fundo, as nossas personagens reais?

M - Sim. Sim.

S - É verdade.

E - Às vezes é um bocado exagerado.

(Vários a falar ao mesmo tempo)

S - Há pessoas assim, é verdade.

M - Há, pois há.

? - É como a beata. Também há beatas assim.

Falam vários ao mesmo tempo.

E - Em relação ao *Mar Salgado* o que é que mais repararam nesta novela? É o quê?

M - O início da novela foi muito boa. Pronto. Muito drama. Muito dramática. A história em si foi muito dramática.

L - A busca da personagem principal.

M - Não percebi.

L - A busca da personagem principal.

M - Pelos filhos, exactamente, que lhe foram retirados e ela deixou...

? - E aquilo do parto.

M - Aquilo do parto, sim.

E - Nesta história...

M - Pode ser verdade.

E - Pode ser verdade?

P - Não. Eu, por acaso, acho que não. Quer dizer, o retirarem-lhe os filhos e abandonarem-nos ou algo assim pode acontecer. Agora aquele envolvimento todo, aquela estória... Bem...

? - E não só. E depois não tem... Por aquilo que eu vejo, há poucos aspectos também que legalmente não podiam acontecer de certeza.

M - Legalmente, sim. Exacto.

P - Esta estória então... Ou sou eu que às tantas já estou com a cabeça em água e não percebo, porque aquela estória do bebé trocado e do registo, aquilo não faz sentido nenhum.

M - Está uma grande confusão. É verdade. É.

P - Quando uma pessoa tem filhos na maternidade, aquilo está ali registado.

E - Mas isso não a impede de se prender e de continuar a ver a novela, ou...

R - Não devia ver a novela, então, se está... Com coisas tão simples.

M - Não. Não é isso. É aquilo de trocar os bebés e de andar de um lado para o outro e não sei quê.

P - Experimentalmente até uma pessoa vai ao hospital ter um filho e não sai de lá sem os filhos e não sabe...

R - Isso era assim há dezasseis anos atrás.

M - Já não era há trinta, não é? Há trinta ou quarenta. É diferente.

E - Mas, P, o facto de saber que legalmente isso era impossível, que esta estória na realidade não podia ter acontecido, não é isso que faz com que afaste ou...

P - A mim às vezes, por acaso... Eu tenho um bocado esse defeito, já há muito tempo, mesmo quando via em casa dos meus pais, com a minha mãe, etc. Quando é “quem é que matou não sei quem” e depois no final da estória descobre-se. E eu e a minha mãe lembrámo-nos logo... “É impossível, porque esta personagem tinha estado não sei onde.” Pronto, tínhamos boa memória e conseguíamos perceber... Aquilo é quase... Eu sinto-me um bocado, às vezes, parece que estão a gozar um bocado comigo. OK, para fazer este final, este final impossível, é claro que eu nunca iria descobrir, porque esta personagem nunca poderia matar aquele que estava não sei onde. No entanto, a novela acabou assim. Eu sinto-me um bocado defraudada, de facto, quando são coisas de tal forma impossíveis.

F - O caso desta mãe que foi presa pela filha também seria...

M - Qual mãe é que foi presa pela filha?

P - Ah! A Custódia.

F - A Custódia. Por ser presa em vez da filha não seria legal? Seria...

P - Ah! Não me soube explicar se calhar. Eu não vou dizer que não vejo por aquilo moral ou imoralmente não poder ser.

? - Não, mas pode acontecer.

F - Na verdade pode acontecer.

P - O que eu estou a dizer é que roubar um bebé... Hoje em dia...

E - Então, o que é que vos salta mais a atenção? Portanto, a questão do início, a estória, aquela coisa inicial e mais?

M - A paisagem em si, o local onde é passada a novela.

E - A paisagem. O local. Mais?

C - O enredo.

E - O enredo?

L - Os actores também são importantes.

(Vários falam ao mesmo tempo)

C2 - Eu acho que não rodam muito os actores. São sempre os mesmos.

E - Fazem sempre com os mesmos actores?

? - Não são.

C2 - Fazem. Esta novela vai a começar, a outra a seguir tem os mesmos actores.

? - Não tem. Não. Às vezes são modelos.

E - Às vezes não são actores. São modelos. Concorda?

R - A questão é muito... A questão dos brasileiros são melhores e não sei quê é que eles têm uma escola de actores...

P2 - Têm várias escolas.

P - São actores que sabem dar a volta ao texto.

R - E se calhar várias escolas e nós não temos essa escola. Muitos saltaram directamente de uma passarela para a frente duma câmara. E uma passarela não é uma escola de actores. Quer queiramos quer não.

P - Exacto. Sim. Isso é verdade.

R - Podem ser muito lindos e muito atraentes e depois falta qualquer coisa.

E - Mais? O que é que vos agrada mais na novela?

P - Eu ia dizer que eu gosto de coisas também muito fúteis como disse, os décors, a decoração das casas, as roupas das personagens. Gosto muito disso também. Pronto.

E - E então, esta novela acham que está bem em termos de décor, em termos de roupa ou não?

? - Sim. Está.

M - Acho que sim.

P - Sim.

F - Está adequado.

P - Por exemplo, a mim já não me cativa muito, porque eu não... Gosto de coisas um bocadinho mais valorosas, como disse no início.

R - Mas isso no *Mar Salgado* seria um bocadinho estranho.

P - Sim. Sim. Mas para mim é uma coisa que me desmotiva um bocado não ser...

M - Mas está bem.

F - Ter uma casa que tem um jardim de inverno e tem um jardim de verão não é qualquer...

M - Isso é o Carlos Queirós, não é? Mas também é única, não é para o comum dos portugueses, não é?

(Vários falam ao mesmo tempo)

E - Olhem. Mas essa questão da realidade ou da ficção é importante. Portanto, o facto... “Ah! Eu não. Isso era impossível as crianças serem roubadas da maternidade.” Independentemente de poder ser possível ou não, não é isso ou não foi isso pelo menos que vos impediu de seguir a estória e... Ou seja, mesmo que existam estas situações... “Ah! Isto era impossível.” “Oh! Isto na realidade não acontece.”

M - Isto é ficção, não é? Temos de saber distinguir que é ficção. Tem que ter algum...

P - Sim, mas acho que poderia ser feita com coisas que poderiam de facto acontecer.

E - C? Diga lá de sua justiça.

C - Não. É assim. Na minha opinião o que prende, sem dúvida, é os actores. É quadros, paisagens, etc. Mas é os actores. E esta novela, sem dúvida, face a outras anteriores, está com bons actores.

E - OK. Mais? E o que é que não vos agrada, em especial, nesta novela? O que é que tem aqui?

C2 - Eu acho que só não me agrada porque está sempre igual. Agora...

E - Aquilo não anda nem desanda...

S - É. Principalmente na SIC.

P2 - Na SIC são todas. Mas isso são todas.

E - São todas?

R - Isto não é uma série. É uma telenovela.

E - Chega ali. As brasileiras neste aspecto estão um bocadinho mais curtas.

L - Não se esticam tanto.

E - Então, mas não é bom nós estarmos ali mais tempo... Se gosta da novela, eu estico um bocadinho, ou não?

L - Mas que ponham coisas a acontecer.

E - Mas não há assim um bocado aquela nostalgia quando é o último episódio? “Oh! Já acabei esta.”

L - Pois há. Lá está. Quando deixam saudade, porque se estamos ali já um bocadinho fartos... Já não deixa saudade nenhuma.

E - Portanto, se se prolongar muito tempo já não deixa esta nostalgia?

L - Não. Não deixa. Não. Nenhuma.

F - Tem que haver trama. Tem que haver um envolvimento.

L - Tem que ir sempre prendendo.

F - E ir prendendo.

E - Só se consegue manter o tempo, se o esforço for...

L - Claro. Sim.

E - E normalmente não acontece isso, não é? Quer no *Mal Salgado*, quer agora as...

S - Aconteceu que foi aparecendo sempre novas cenas para nos prender. Pode ser... Esta, a colega não gostou, mas eu está-me a prender um bocadinho. Cada uma tem os seus gostos. O personagem do Messias prende-me imenso mesmo que ele crie risos, gosto imenso daquele papel, mesmo que seja uma cena que não sirva para nada, mas ele é giríssimo. É muito giro. Muito giro.

M - Até temos pena.

S - Aquela pode... Às vezes que ela seja castigada, porque acho que há muitas beatas por aqui que têm de ser castigadas. Acho que... Gosto que cada personagem seja divulgada. Está a perceber? De facto, a pessoa... A Igreja, pronto. Eu até concordo que as pessoas gostem. Tenham alguma coisa que gostem e que as prenda, mas as pessoas que têm estas prisões e depois fazem mal aos outros, têm que ter... Enquanto não se chegar aqui...

E - Ó S! Aquilo que está a dizer é importante. É importante. Vocês, por exemplo, fazer este... Não é um julgamento, mas... Ou seja, representar aquilo que nós vemos na ficção e trazer um bocadinho para a realidade... Olha, é assim...

S - Porque nós não somos capazes às vezes...

E - Ou então recuperarmos exemplos que nós vemos na novela e trazer um bocadinho para a realidade.

S - É.

E - Olha, a minha beata devia pôr os olhos...

R - Isso é um sinal... Mas isso é um sinal de que a telenovela é boa ou que essa personagem é boa.

S - É. Muito bem. Estamos a ver...

E - Mas depois é isso que acontece? Acontece-vos isto depois na realidade? Em situações concretas como o caso da beata...

S - Aquilo que eu penso... Está ali aquilo que eu penso.

E - Vão buscar estas situações às novelas. É isso?

S - Eu gosto disso. Gosto, porque às vezes na realidade nós não conseguimos, ou não temos coragem, ou qualquer coisa, mas ali aquilo obriga muita gente a ver aquilo, aquela personagem que tenha... Que nós concordamos. E que esteja lá e assim obriga a...

E - Concordam com a S? Relativamente a esta situação de trazer e de...

L - Sim. Comparamos. Comparamos as personagens com pessoas que convivem connosco.

S - E com as outras pessoas também.

E - E, por exemplo, e serve para a nossa própria, no fundo, introspecção e pensar, sei lá, estamos a passar, neste conflito dum casal, vamos supor, e a novela passou aquela cena em que, pá, ela agiu daquela forma e não agiu da outra. Há momentos que vocês nas vossas vidas pessoais pensam, “eh pá, vou tentar fazer assim como ela fez ou vou tentar seguir este exemplo, ou se calhar...” Ou seja, porem um bocadinho... Porem-se um bocadinho à prova em função daquilo...

L - Eu pessoalmente nunca pensei nisso, mas penso que indirectamente fazia.

S - Pode ser. Pode ser.

R - Eu acho que se faz sempre, pelo menos, um juízo de valor sobre as acções ou personagens. Isso é transpor para a vida pessoal. Isso é com cada um... Isso no meu caso, eu acho que não. Ou então, transpor no sentido de “eu se fosse aquele ou aquela teria assim ou assado”.

P2 - Isso é normal.

R - Isso é normal, mas transpor já é um passo muito avançado.

A - Estava a dizer que eu acho que tudo o que faça reflectir, faz actuar, ou seja, mesmo que inconscientemente...

M - Vai activar mecanismos da reacção...

S - Eu acho que sim.

P - Eu também acho.

S - Aquela coisa dos jovens. Aquela dos *Morangos* e não sei quê? Quem é pai ou é mãe gosta de ver aquele comportamento. Perceber, então, quer dizer, nós estamos sempre a aprender, não é? E aquilo depois também pode ser uma maneira de nos ensinar o comportamento dos nossos filhos ou das suas actividades.

E - E a L o que é que acha?

L - Eu acho que sim, que o que vem aqui é não, não vamos copiar. Vamos fazer tal e qual como está ali na novela, mas sim, nós pensamos sobre aquele assunto, que vai nos influenciar de alguma forma. Acho que sim. Vamos fazer um juízo de valor. Vamos pensar sobre aquilo. Se calhar vamos reflectir, estamos num momento da nossa vida de partida ou qualquer coisa, que vai nos afectar um bocadinho. Cabe-nos agir...

F - Eu ia dizer... Não tanto nessas normas. Uma curiosidade. De visitar um local que estamos ali a verificar, Tróia, que poderá despertar interesse em visitar aquele local. “Olha, as filmagens foram ali.”

E - Ou seja, a telenovela não é aquela hora em que vocês estão sentados no sofá, ligam a televisão, desligam e acabou ali. Fecha. E não, ou seja, no fundo acaba por acompanhar o dia a dia também. É?

L - Algumas cenas podem ficar... Ou nalguns filmes, coisas ou personagens com as quais ficamos a pensar sobre aquilo, às vezes, alguns dias até.

E - C?

C - Quantas vezes surge alguém a comentar “o penteado dela é muito giro.” E depois alguém imitar, ou a roupa: “Olha, aquele vestido era muito giro.”

E - “Olha, onde é que pára aquele vestido. Vou ver.”

P - Exactamente. Acontecia.

L - Isso acontecia muito, há uns anos atrás, com as novelas brasileiras, nós identificávamo-nos com um personagem e depois víamos imensas pessoas com o mesmo tipo de corte de cabelo.

E - Imitavam logo, não era? Imitavam logo.

L - Era. Até a franjinha. Tinha a franjinha.

E - A questão dos ricos e dos pobres, do bom e do mau, acham que normalmente estão bem representadas? Representam bem aquilo que é a realidade, ou não?

P - Eu espero que não.

(Risos)

L - Pois. São demasiadas personagens de estilo, não é? Claro que acabam por estar um bocado empoladas, como por assim dizer, não é? Mas, também, isso é o engraçado. Também é isso, não é?

E - Também tem que simular um bocadinho, em particular...

P - Também acho que isso é uma das vantagens das novelas portuguesas, é que não esticam tanto como as brasileiras, que é mesmo aquele padrão, que os ricos são insuportáveis e até um bocado loucos. E os pobres é que são, pronto, os bonzinhos e comportados, e que são mal-tratados. E as novelas portuguesas acho que retratam mais de facto. Eu acho que em Portugal também não há essa disparidade, porque há muitas classes médias ali, média baixa, média, média alta, etc., e que há muito esse... E há os ricos, porque são ricos e trabalham muito. Há os ricos, porque herdaram. Portanto, há todo esta teia... Não tem que ser necessariamente sempre muito maus os ricos nem muito bons os pobres e acho que representa melhor até a realidade.

E - Melhor até as portuguesas. Concordam?

L - Não. Acho que nas brasileiras também há os ricos que são bons e os pobres que são maus.

P - Mas eu acho que há... É aquele rico, muito rico... Aquela rica que vem com o cachorrinho e o não sei quê atrás a pentear e não sei quê... Nas telenovelas é um bocado exagerado.

E - Em relação ao *Mar Salgado*, por exemplo, os conflitos que existem? Aquelas intrigas...

F - Intrigas familiares?

E - Aquelas brigas? Acham que as intrigas são bem representadas? Representam-se bem ou não?

L - Isso depende.

? - Sim.

C2 - É a tal coisa, são muito estáticos.

E - São muito estáticos? É o que a senhora estava a dizer sobre aquela mãe que não era assim tão estática ou tão calma ou...

F - Não. Nós somos um povo pacífico.

S - Pois é.

F - Não somos pessoas agressivas. Não somos pessoas... Pronto, é um excesso dela.

(Risos)

F - Não. As situações acontecem.

P - Mas não às portuguesas.

F - Há só a reacção...

E - A questão aqui é se novela representa... e mais especificamente o *Mar Salgado*, se representa bem o que é a nossa realidade, não é? OK. Sim. Nós reagimos assim perante o conflito. Ou, por exemplo, até a representação das nossas idades? OK. Pronto, aquela pessoa está naquela faixa etária... Sim. É assim. Está a representar bem. Ou aquela jovem, por exemplo, está a representar bem para a idade que tem. Ou... Percebem? Se retrata bem, no fundo, aquilo que é a nossa realidade? Acham que sim?

L - Não vão muito ao fundo das questões. Não.

E - Não vão muito ao fundo das questões?

L - Exacto. Em relação à nossa realidade, devia um bocadinho mais aprofundar... Em certo lugar... Há certas questões, por exemplo, nós agora estamos a viver numa situação do país, não é? De grande carência e acho que eles não retratam muito isso. O desemprego não é uma coisa assim que se veja. Não se vê.

P - Não há ali.

E - Não há aquele grande...

L - Não se vê. Muito preocupada com o desemprego ou com as pessoas desempregadas. Não se vê ali nenhuma...

P - A *Única Mulher* retrata muito bem estes dramas mais reais, mais actuais. O *Mar Salgado*, esse, não sei.

E - Estes dramas não são retratados em absoluto, é?

L - Acho que não.

E - Tratam os temas assim muito softzinhos?

P - No *Mar Salgado* ou nas novelas portuguesas?

E - No *Mar Salgado*.

L - Não. Acho que não.

R - Mas eles não podem... Na telenovela não pode tratar isso.

L - Pode.

R - Não pode.

S - Não aparece nada sobre o desemprego. Não aparece nada.

(Vários a falar ao mesmo tempo)

? - Aliás, o marido batia-lhe e até morreu.

? - Uma sorte!

? - Arranjaram uma maneira de matar o outro.

E - Muito bem. Olhem. Já falaram do ambiente, portanto, exterior, do mar, de serfilando de Setúbal, se vocês vão muito...

L - Sim. Tem imagens bonitas.

E - E os cenários? Os cenários?

M - Eu acho importante. Tenho de admitir.

E - É importante? E o que é que acham dos cenários do *Mar Salgado*?

M - Sim. São bonitos.

L - São *clean*. Têm muita luz.

M - É. Eu também acho.

E - O que é que lhes agrada?

P2 - Eu acho que já melhorou, mas que ainda são um bocadinho artificiais.

E - Ainda são um bocadinho artificiais em quê?

P2 - Um bocadinho encenado. Aquilo não parece mesmo uma casa normal. Aquilo parece que as coisas foram ali colocadas assim...

L - E não é uma casa normal. E não é.

(Risos)

E - Mas deixem entender...

C - Não há casas desarrumadas, não há nada.

E - Não há casas desarrumadas. Está tudo ali sempre impecável. Mais? Que é que notam mais? Aqui dos cenários?

S - Aquela do escritor não está assim tão arrumada como isso.

P2 - É único.

(Risos)

A - É personagem de telenovela.

E - C2, o que é que acha? Ali assim dos cenários?

C2 - Eu acho que sim. Quanto ao *Mar Salgado* eu acho que estão bem adaptados ao tipo de novela, como a *Única Mulher*.

E - Olhem. Uma coisa que agora também começa a fazer parte um bocadinho dos cenários... Diga, diga.

F - Não. Não. Eu ia dizer a publicidade.

E - A publicidade.

L - É o champô e depois... está no banho...

(Vários a falar ao mesmo tempo)

P - Exactamente.

A - Não tem graça nenhuma.

E - Não tem graça nenhuma, A, porquê?

J - É horrível.

A - “Olha o champô que estou a usar no cabelo! — Ah! Já usei.”

(Risos)

? - E depois vai para o intervalo aparece aquilo...

? - ... o creme de dia, ou não sei quê...

J - É tudo metido a martelo. Não tem naturalidade nenhuma. É horrível.

E - Espera lá... Não aparece com naturalidade?

Vários ao mesmo tempo - Não. Não. Nada

R - Ainda ontem, por acaso vi... Ainda ontem vi uma coisa das *Poderosas*. Estava uma mãe com a filha...

C2 - Ah! Sim.

R - Na piscina, a tomarem um banho de sol e a mãe está a apresentar um spray, a espalhar no cabelo, e depois passa aquilo à filha assim como se pegasse assim na garrafa, foi aproximando, e passa o creme na mão e depois a outra: “está bem”. Quis. E depois pôs lá aquilo, mas foi tudo mesmo à martelada... Custou um bocadinho.

(Risos e vários a falar ao mesmo tempo)

P2 - “O que é que estás a beber? Ah! É um Compal. É ótimo!”

(Gargalhadas)

M - É um bocado exagerado.

Vários aos mesmo tempo - É, é.

E - Podia aparecer de uma forma...

Vários ao mesmo tempo - Não. Não.

P - Numa conversa normal nós nunca dizemos: “Que é que estás a beber? Ah! É um Compal! É ótimo, porque só tem não sei quantas calorias.”

P2 - Uma pessoa a falar é diferente do diálogo...

P - É. Exactamente.

R - É um bocado para o ridículo. Há formas de fazer isto muito mais suaves.

E - Mas isso é em todas as novelas? Ou é só nesta?

P - Agora é em todas.

S - Não é só nesta. É em várias.

P2 - Eu acho que é em todas.

F - Eu acho que há publicidade que pode ser perfeitamente ali enquadrada e tem algum sentido.

P - Basta até ter lá o produto, por exemplo.

F - A Compal. Ela começou por ter... Antes de aparecer a Compal, ela começou por herdar um pomar.

M - Exactamente. Pronto. Está bem. Aí está bem.

F - O Compal foi integrado... Logo que surgiu o alperce.

M - Na estória, acho que sim.

F - Foi enquadrado. Fez sentido. Agora, o Opel... Ela precisava de comprar um carro.

P - Ah! Pois foi.

F - Acho que foi enquadrado. Agora confesso que...

M - Os cremes...

F - Acho que... são mais forçados.

S - São. São.

P - Eu lembro-me de um, por exemplo, que era o Tiago, que era um adolescente a espalhar bem o creme.

R - E mesmo produtos para homens.

P - Como se algum adolescente, um rapaz...

E - Diga. Diga.

R - Não. Também há produtos para homem. Eu achei engraçado...

M - Tirar da mala, não era? Da mala.

R - Sim. Ele tirou... Foi no ginásio, tirou um desodorizante da L'Oréal.

M - Exacto. E a outra agarra: "Ah! Também tens..."

(Risos)

R - "Eu tenho utilizado isto na última semana e acho isto ótimo."

M - Pronto, está pegado.

S - Eu acho é que costumam fazer... Divulgar o resultado destes anúncios.

E - Dar o resultado destes anúncios? Mas, vocês lembram-se...

(Risos e vários a falar ao mesmo tempo)

E - Afinal, não conseguiram os objectivos, pelos vistos...

P - O movimento aspiracional que acho que é o sustento da publicidade não se consegue assim. Pelo menos, eu não tenho vontade de adquirir aquilo. Pelo contrário.

M - É o que as pessoas fazem.

E - É o que as pessoas fazem?

A - É. É.

P- Sim. Sim.

R - Se eu pegar numa garrafa destas e beber, o tele-espectador repara.

P - Aquilo já é publicidade. Exactamente. Exactamente.

R - Não precisa de...

(Risos)

R - As pessoas vêem, se aquilo lá estiver.

E - A publicidade disfarçada. É?

M - É.

P - E lá está... Falta-lhe um bocadinho ainda... A tal falta de capacidade de representação dos portugueses de que temos falado. Aqui, então, nota-se, quer dizer, aquilo é... É mesmo... “Ah! “ Então, estás a pôr o quê? Ah! Hoje estou a pôr o creme.” E não sei quê. Aquilo é tão mal feito.

M - É.

F - É desenquadrada.

E - É desenquadrada?

P - E mal representada e mal contextualizada.

R - Até nisso as brasileiras são melhores.

F - Acho que tem de ser enquadrado na sequência.

R - Sim. Sim.

F - Enquanto que nós nunca nos apercebemos de que estão ali a fazer publicidade. Aparecia a outra que trabalhava no stand.

S - É verdade.

F - Pronto, é alguém que foi... Até chegar ao balcão mesmo, nós sabíamos que ela trabalhava no stand. Trabalhava lá e até chegar aos preços de venda do automóvel mesmo, foi introduzido...

E - De qualquer forma... OK.

F - Agora vendo bem, aqui está, é tudo... É enquadrado à força ali naquele momento.

E - Olha! Vocês há bocadinho estavam a falar... Acho que foi a S, começou por dizer que gostou muito da música...

S - Sim. Eu ainda gosto. Cada vez que começa, dá-me alguma...

E - Gostam da banda sonora da novela?

M - Sim.

P - Sim.

E - Isso é uma coisa que também vos cativa quando vêem uma telenovela?

M - Sim. A música. Claro que sim.

P - Eu vejo a *Única Mulher* porque tem kizomba.

R - Tem de cativar. Tem de cativar, pelo menos só um por dia. Ouvir... Ao menos isso.

E - OK. Estava a dizer qualquer coisa?

P - Eu comecei também a ver a *Única Mulher*, exactamente, porque eu e o meu marido conhecemo-nos na kizomba...

(Risos)

P - Era na kizomba. E até era uma forma de... Olha, vamos ver esta... Adoro... Acho que é muito cativante e também tem música pop, também muito actual. Mas também acho a do *Mar Salgado* interessante, porque reflecte muito bem a nossa cultura.

E - Olhem. Quando acabam os episódios... Cada episódio, do *Mar Salgado*, acaba com algum momento... Sei lá... de suspense, ou que nos deixe presos para ver o episódio seguinte, ou não? Aquilo acaba assim sem jeito nenhum?

C - Para mim agora...

M - No início acabava. Agora já não.

E - No início acabava. Agora já não?

C2 - Agora já nem por isso.

F - É previsível.

P - É.

F - Vai acontecer algo e vai acabar.

? - O problema é que aquilo agora não acaba.

S - Não. É que depois dá as cenas. Eu vejo sempre as cenas do próximo capítulo.

E - Vê as cenas?

S - Porque gosto de ver... Assim, não acaba tão...

E - Não acaba assim tão...

S - Já vejo qualquer coisa mais para o próximo.

E - Mas aquela situação de acabar... Eh, pá! Tinha que acabar agora.

A - Isso é que é bom na novela.

E - Isso é que é bom na novela?

M - No *Mar Salgado* isso não acontece.

E - No *Mar Salgado* isto não acontece?

M - Não. Agora não.

E - Ficarmos com aquela expectativa...

A - Posso testar esta noite. Com aquilo da outra a cair do...

M - Ah! Aquilo, lá... A cair lá daquilo do hotel, não é?

A - Pois. Exactamente.

E - Olhem! Como é que vocês acham que vai acabar esta novela?

(Vários a falar ao mesmo tempo).

? - A Leonor vai ficar com o André.

M - Exacto.

L - Vai ter um bebezinho, de certeza. Vai engravidar.

F - O... vai dar a volta à Rute.

E - Mais?

P - Que agora já não é interesseira.

F - Exactamente.

E - Mais?

A - Os dois totós ficam juntos.

2015 09 16 Grupo de Foco Mar Salgado

E - Os dois totós ficam juntos. Mais?

A - O irmão e a...

F - Lá a fulana do pomar engravida.

A - O da Lataria vai ficar lá com a outra, também. Da Lataria...

F - Eu não acredito. Não acredito.

E - São só finais felizes, então? Então, onde é que está aquilo... A tragédia? O drama?

M - Aquela da... vai ser castigada.

E - Quem?

M - Aquela... Como é que se chama?

C2 - A Patrícia.

M - A Patrícia.

A - Vai ficar paraplégica ou...

S - Também acho. Também acho.

F - Eu acho que ela vai fugir. Bom final era ela fugir e não ser castigada... Ah, ah.

P - Não. Não acho nada.

(Risos)

E - Olhem! Acham que o horário da novela é adequado? Já percebi que algumas pessoas ainda estão ali nas tarefas e ainda não estão naquele momento de relax?

M - Sim. Acho que sim. É.

F - Muitas vezes tem que se ver nas manuais para se poder ver.

P - Com as boxes... Sim, com as boxes...

E - Senta-se no sofá e tem que se passar assim para trás com a box, às vezes, para se começar a ver.

F - Sim. Sim. Claro que sim. Claro que sim.

E - Dá um bocadinho de tempo demais...

F - Não. Nós é que ainda não estamos em casa.

E - E os intervalos?

P - Ah! Os intervalos dá para passar à frente. Isso com a box já não há intervalos.

E - Pois. Com a box já não há intervalos, não é?

M - Não.

E - Passo com aquilo para a frente...

P - Sim.

S - Na véspera não tem intervalos.

E - Se estiver a ver em directo.

A - Às vezes dá os intervalos. Depois dá um bocado da outra... E depois não sei quê... E depois...

P - Pois. Intervalo mesmo... acho que é só o dos 30 segundos. Só se for publicidade assistida. Só.

M - Pois.

E - Olhem! E de segunda a quê? De segunda a sexta?

M - Sábado.

E - Sábado?

M - É.

E - E concordam? Gostam que passe de segunda a sábado?

M - Sim.

R - As televisões... Todos os canais depois fazem um bocadinho de contra-programação. Se houver futebol então...

M - Ah! Sim. É.

R - Aí eles adulteram...

M - Fazem uma programação especial ou assim uma coisa especial.

R - Exactamente. Juntam um, dois...

M - É o que fazem normalmente.

E - E isso é bom ou é mau? É bom?

M - Para quem gosta de futebol. É bom.

L - Só para quem gosta de futebol.

(Risos)

P - Ou se querem a gala dos VIP's ou se querem a gala do não sei quê...

F - Hoje em dia com as boxes isso já é ultrapassável.

E - Isso já é ultrapassável.

M - É verdade. É.

E - Olhem! Eu acho que já deu de segunda a domingo, não foi?

M - Já. Já. Já.

? - Já, já.

P - Acho que sim.

E - E então? Isso era melhor? Era pior?

F - Isso foi quando aconteceu o que eu disse, a contra-programação. Algo que acontecia noutra canal, eles colocavam a novela para sintonizar o pessoal.

P - E, portanto, não era por causa da...

S - Pois...

E - Mas o que é que acham daquilo ser sempre...

M - *Dança com as Estrelas*.

E - Não haver um minuto de descanso?

F - É cansativo.

M - É cansativo.

P - Eu cá faço a gestão do que quero ver quando me apetece. Não... Posso andar duas semanas até atrasada. Se não me apeteceu ver durante o...

F - Acho que cinco dias era suficiente. E que ao fim-de-semana não.

E - Acham que esta novela vai ser daquelas novelas que vão ficar, portanto, que vão marcar ou não?

Vários ao mesmo tempo - Não.

F - É mais uma.

S - É ótima.

M - Só se fôr pela zona. De nos lembrarmos de Tróia.

E - "Olha! Tróia."

M - Exactamente.

F - Nesta altura isto é estratégico, vai passar nesta altura.

M - Exacto.

F - E o pessoal vai pensar “vamos a Tróia agora”. No Verão.

E - Esta altura é boa.

F - Eu já lá fui e agora vou voltar porque “Olha! É aqui que vão decorrendo as gravações. É aqui que...”

E - E quer lá ir ver.

F - Quero lá ir ver. Eu já ia a Tróia antes da novela.

E - Mas também é Setúbal.

S - Tem aquela rua dos guarda-sóis.

R - Tem o mercado. A praça.

S - Também gosto um bocadinho de Setúbal. É simples. E as regatas são em Setúbal. A não ser... Acho que é giro.

M - Setúbal.

S - As outras já é em Setúbal. Aquelas casas...

M - Sim. Também. A peixeira.

S - E as ruas...

M - E aquilo é feito dentro do mercado. Aquilo da peixaria é dentro do mercado.

R - Sim. Sim. É no mercado de Setúbal.

L - Exactamente. É mesmo... As peixeiras do mercado.

R - Até foi há pouco tempo considerado um dos mais engraçados.

M - Dos mercados, não era?

R - Sim.

M - É isso.

(Vários ao mesmo tempo)

F - E não gosta do seu Bento?

P - Eu estava a ver...

M - É um parvalhão também. É chato!

P - Eles focam-se muito numas novelas para as outras.

M - É. E perdem a graça.

C - Na outra novela achei que o papel dela era mais engraçado.

P - Eu não achei piada nenhuma.

A - Ah! Ele fazia de pai da outra.

P - Eu só gostei quando ele fez de Armando Coutinho. Quando ele fez de Armando Coutinho...

L - Aí estava espectacular. Era... Estava espectacular.

P - Mas só que depois saltam e fazem um bocado de palhaços, não é?

(Intervalo)

E - Ora bem. Então, olhem, e que mais marcas é que vocês se lembram de ver para além da Compal e do desodorizante da L' Óreal e do champô quê? Pantene?

M - Não. Não é Pantene.

F - Da Opel.

E - Da Opel.

C2 - Da Garnier. Acho eu. Garnier.

E - Garnier.

M - Sim.

S - Havia uma coisa para pintar o cabelo. Também não sei que marca é que era. Já não me lembro.

E - Mais alguma marca que nos impingisse publicidade?

M - Não. Não me lembro de mais nada.

E - Olhem! Vocês vêem... Normalmente vêem a novela...

R - Água das Pedras.

E - Água das Pedras também?

R - Naquela da noite... Fizeram uma associação qualquer.

E - Mas não era no *Mar Salgado*?

R - Não. Não. Não. Era na outra... Na outra portuguesa. Nas *Poderosas*.

P2 - As *Poderosas*.

E - Olhem! Vocês só vêm a novela aonde normalmente?

M - Em casa.

E - Em casa?

M - Sim.

E - Em que televisão?

Vários ao mesmo tempo - Na sala.

L - No meu quarto.

J - Ou no quarto.

S - No quarto.

E - É que é um bocadinho essa questão que eu queria perceber? Se todos vocês vêm na sala, naquele ambiente, vá lá, em família? É que vocês tiveram ali a desculpa de é melhor ao dia e tal... Pronto, já percebi que é na sala... É em família. Mas como é que é? No quarto?

L - No quarto.

E - Porquê o quarto?

L - É assim. Há duas televisões em casa. Portanto, no outro não gostam de ver telenovela. Eu estou no meu quarto sossegada. Vejo a novela. Vejo o que me apetece. Ando para trás, para a frente... E, pronto, estou ali sossegadinha e... Pronto, assim há... Cada pessoa vê o que gosta.

E - Cada um vê aquilo que gosta e não há cá confusões, não é?

L - Sim. Não há confusões. Não precisamos de estar a fazer cedências. Cada um vê o que gosta.

E - Cada um vê o que gosta. OK. C2?

C2 - Também é na sala.

C2 - Também é na sala? Normalmente é com a mãe? É? Portanto, naquele momento de final do jantar, descontraídas, as duas na sala a ver televisão.

F - Normalmente começamos na cozinha e acabamos por ir para a sala.

E - Portanto, começam a ver na cozinha...

F - Se começar, digamos, naquele período de tempo, é... Caso contrário...

E - Mas normalmente também é sempre na televisão da sala? Portanto...

F - Sim. No quarto, não.

E - OK. No quarto não. Mais?

? - Sala.

? - Sala.

? - Também.

A - Eu começo na sala, mas termino no quarto, porque a novela da SIC, a brasileira, dá muito tarde. E normalmente já estou deitada.

E - Olhem! E nos tablets? E no computador? E...

S - Não. Não vejo não. Não gosto. Não.

? - Não.

L - Só em férias.

E - Só em férias? Porquê? Não tem televisão nas férias?

L - Tenho, mas para andar... Às vezes, para ver algum programa do dia anterior, dá para ver no tablet. Tenho aquela aplicação que dá para ver. Portanto, o meu filho... Utilizo muito essa aplicação, porque há canais que eu não tenho em férias, não é? Porque tenho só os normais, de férias. E, então, utilizo essa aplicação. E dá para a gente programar aquilo. Utilizo em férias.

E - Ok. Para além da L, que utiliza em férias o tablet, mais alguém...

P - Eu só via no computador antes de ter a box e a possibilidade, de facto, de andar para trás e para a frente, os episódios. E fazia isso. Portanto, ia ao Youtube ou isso, ou às entidades...

E - É verdade, não havia aquelas coisas, não é? A Meo Go ou o que é?

L - Não. Eu tenho da NOS. É mesmo uma aplicação da NOS que vejo os canais que tenho em casa. Vejo os canais que tenho em casa. E dá para fazer... E dá para ver o programa anterior... Para ver como faço com a box.

P - Como a box. Exacto.

E - Mas vocês não fazem muita utilização...

M - Eu não faço. Nenhuma. Não. Nenhuma.

E - Mas vêm esses programas? Não vêm as novelas ou não vêm nada?

P - Às vezes, de férias, nem vejo nada.

? - Pois.

C2 - Não. Férias é férias.

F - Férias é de férias.

E - Não. Mas mesmo sem ser em férias? Mesmo no dia-a-dia?

L - Às vezes. Depende.

E - Sei lá, vão no combóio, vamos supor a caminho de casa...

L - Sim. Também.

E - Ou se for do trabalho aquilo demora meia hora a chegarem ao destino... Olha! Deixa-me ver a novela...

F - Agora... Ver um filme. Ver algo, mas nunca uma novela.

M - Ver um filme, sim. Novela eu também não.

E - Porquê?

F - Para ver isso tinha que gravar antes, caso não tivesse acesso...

E - Ao tal... Ali à net...

F - Não ter acesso à net para poder estar a ver isso. E ver um filme no tablet é muito mais prático do que estar a ver... Não tem a novela no tablet.

P2 - E é uma vergonha. Não sei se...

(Gargalhadas)

P - Acho que sim.

E - É uma vergonha?

P - Não. Para as mulheres, não. Mas para um homem, sim. Mas, para um homem, ver a novela...

E - A mulher não passa vergonha se for apanhada a ver a novela na sala e o homem passa?

P - Sim. Acho que sim.

M - Essa é a forma...

P2 - O homem com o [?] na sala vê o resumo do Benfica ou do Sporting.

M - Exactamente.

(Risos)

A - Não quer novela.

P2 - Quando muito vê a novela do Jesus... O Benfica... Vê às escondidas em casa e com os estores para baixo.

(Risos)

E - Concorda?

M - E porque a mulher obriga.

J - Não. Eu não tenho o hábito de ver a novela.

S - Tem que acabar. Isso tem que acabar.

E - Tem que acabar essa discriminação. Como é que isso pode ser? Não pode.

M - Não, mas é verdade.

P - Por isso é que quando se pergunta se comentava com alguém, todos os homens responderam que não. Obviamente que não se vão pôr a falar com os amigos...

L - Mas também não se vê muito, lá está, porque as pessoas se calhar têm algum receio de estar a ver num local público, no tablet, um programa desses, porque uma pessoa muito intelectual não vê telenovelas. Portanto, é um bocadinho depreciativo ver telenovelas.

M - Sim. Sim. Ainda é um bocado assim.

P - É. É.

A - Ainda há. Há.

L - Para algumas camadas da sociedade poder estar a ver telenovelas...

A - Ai! Que horror!

E - “Ai, telenovelas, que horror!”

(Vários a falar ao mesmo tempo)

P - Isso é horrível.

A - É uma batalha.

P - “Ah! Não vês. Como é que sabes?”

E - “Não vês. Como é que sabes?”

P - “Mas como é que sabe?”

M - “Ah!, e tal, contaram-me.”

2015 09 16 Grupo de Foco Mar Salgado

P - Exactamente. “Só vi uma vez, por acaso. Vi só uma vez.”

M - A revista ainda é pior. É.

(Risos e vários a falar ao mesmo tempo).

P - Olha! É gente como nós.

M - Exactamente.

E - Ora muito bem. Muito obrigada por terem vindo, por terem participado no estudo, está bem? Foram muito simpáticos, muito participativos. Espero que tenham gostado.

[Transcrição realizada por Maria Lídia Castro]